

Alguns experimentos em arte e política/ Some experiments in arts and politics¹

Bruno Latour, traduzido por Eduardo de Jesus²

Resumo

Partindo da distinção entre redes e esferas, o texto trata das situações contemporâneas em torno da globalização. O ponto de partida é a obra de Thomas Saraceno que com suas esferas e redes, segundo o autor, sinalizam uma potente metáfora da situação atual, especialmente nos questionamentos em torno das aproximações entre arte e política. Essas aproximações são posicionadas também numa vertente histórica reportando-se, para tal, ao diálogo entre Einstein e Bergson, entre arte e ciência, nas questões de tempo e espaço. O autor nos pergunta, quem é o dono do tempo e do espaço?

Palavras-chave: Globalização, arte e política, rede

Abstract

Beginning with the distinction between nets and spheres, this text deals with the contemporary situations around globalization. The starting point is Thomas Saraceno's work which, according to the author, with his spheres and nets, signals a powerful metaphor of the actual situation, especially in the questions surrounding the approximations between arts and politics. These approximations are also stated in a historic perspective based on the dialog between Einstein and Bergson, between arts and science, in the matters of time and space. Latour asks us who the owner of time and space is.

Keywords: Globalization; arts and politics; net.

¹ Traduzido com autorização do autor. Publicado originalmente em e-flux journal #23. Março 2011. Disponível em inglês em: <http://www.e-flux.com/journal/view/217>

² Eduardo de Jesus é professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da PUC Minas; mestre em Comunicação pela UFMG (2001) e doutor em Artes pela ECA/USP (2008).

A palavra "rede" tornou-se uma denominação ubíqua para infra-estruturas técnicas, relações sociais, geopolíticas, máfias, e, claro, para nossa nova vida online³. Mas as redes, na forma como geralmente são desenhadas, tem o grande defeito visual de serem "anêmicas" e "anoréxicas", nas palavras do filósofo Peter Sloterdijk, que elaborou uma filosofia de *esferas* e *envolventes*⁴. Ao contrário das redes, esferas não são nem anêmicas e tampouco pontos e links, mas ecossistemas complexos nos quais as formas de vida definem sua "imunidade" através da criação de paredes protetoras e da invenção de elaborados sistemas de ar condicionado.

Dentro dessas esferas artificiais de existência, através de um processo que Sloterdijk chama de "antropotécnicas,"⁵ os seres humanos nascem e crescem. Os conceitos de redes e esferas estão claramente em oposição um ao outro: enquanto as redes são adequadas para descrever conexões de longa distância e inesperadas a partir de pontos locais, as esferas são úteis para descrever as locais, frágeis e complexas "condições atmosféricas" – outro dos termos de Sloterdijk. Redes são boas para acentuar bordas e movimentos; esferas destacam envolventes e entranhas.

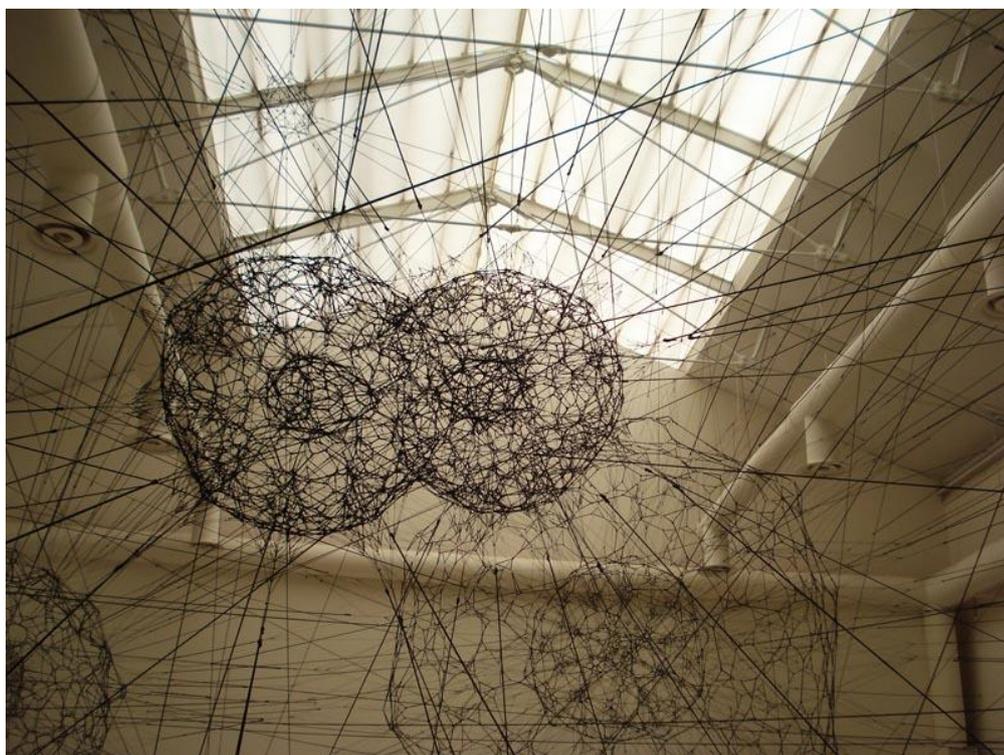
Claro que ambas noções são indispensáveis para registrar a originalidade do que é chamado de "globalização", um termo vazio, que é incapaz de definir a partir de quais localidades, e através de quais conexões, supõe-se que o "global" vai

³ LATOUR, Bruno. Reassembling the social. An introduction to actor-network theory. Oxford: Oxford university press, 2005

⁴ SLOTERDIJK Peter. Sphären III Schäume. Frankfurt: Suhrkamp,2004. (Tradução parcial em SLOTERDIJK, Peter. Terror from the Air. Tradução: Amy Patton & Steve Corcoran. Los Angeles: Semiotext(e), 2009. Ver também: SLOTERDIJK, Peter. Foreword to the Theory of Spheres, IN Cosmograms, OHANIAN, Melik e ROYOUX, Jean-Christophe. Nova York e Berlin: Lukas and Sternberg, 2005. P. 223-241. Ver: http://www.sed.manchester.ac.uk/research/marc/news/seminars/latour/COSMOGRAM-INTER-G_B_Spheres.pdf.

⁵ Termo desenvolvido por Peter Sloterdijk em seu livro "Du musst Dein Leben ändern. Über Antropotechnik" (Você precisa mudar a sua vida. Sobre antropotécnica). SLOTERDIJK Peter. Du musst Dein Leben ändern. Über Antropotechnik. Frankfurt: Suhrkamp, 2009). Para saber mais artigo de Franz J. Brüseke em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092011000100010&script=sci_arttext

agir. A maioria das pessoas que gostam de falar do "mundo global" vivem confinadas em estreitos limites provincianos, com poucas conexões com outros residentes igualmente provincianos, em outros lugares distantes. Academia é um caso. Também é Wall Street. Uma coisa é certa: no mundo globalizado não tem "globo" dentro do qual poderíamos nos abrigar. Quanto a Gaia, a deusa da Terra, parece que temos grande dificuldade de abrigá-la dentro do nosso ponto de vista global, e ainda mais dificuldade de nos abrigarmos dentro de seus complexos *feedbacks* cibernéticos. É o globo que é o mais ausente na era da globalização. Má sorte: quando tínhamos um globo na época clássica de descobertas e do império, não havia globalização, e agora temos que assimilar problemas verdadeiramente globais...



Tomas Saraceno. Galáxias formando-se ao longo dos fios, como gotículas ao longo das costas de uma teia de aranha (2009). Foto: Eduardo de Jesus

1. As Galáxias de Saraceno formando-se ao longo dos fios

Então, como podemos ter ambas, redes e esferas? Como podemos evitar as armadilhas de uma globalização que não tem um mundo real no qual colocar tudo?

Em uma obra apresentada na Bienal de Veneza em 2009, Tomas Saraceno proporcionou uma grande, e sem dúvida não intencional, metáfora para a teoria social. Em uma sala inteira no pavilhão principal da Bienal, *Galáxias formando-se ao longo dos fios, como gotículas ao longo das costas de uma teia de aranha* (Galaxies Forming along Filaments, Like Droplets along the Strands of a Spider's Web) (2008) consistiu em conectores elásticos cuidadosamente montados que reproduziram a forma de redes e esferas. Se você fosse capaz de evitar o olhar atento dos guardas e agitasse levemente o elásticos – o que era absolutamente proibido – sua ação iria reverberar rapidamente através dos nós e pontos da rede, mas muito mais lentamente nas esferas. Isso não quer dizer que as esferas sejam feitas de material diferente, como se nós devermos escolher entre habitação e conexão, entre local e global, ou mesmo entre Sloterdijk e, digamos, a teoria do ator-rede. O que a obra de arte e engenharia de Saraceno nos revela é que, multiplicando as conexões e montando-as próximas o suficiente, elas mudaríamos lentamente de rede (que se desvenda pelo olhar) a uma esfera (difícil de ser desvendada). Simplesmente linda e terrivelmente eficiente.

Nós deveríamos saber disso desde o princípio: um tecido nada mais é que uma rede tecida finamente, com uma nítida transição entre um fio e os próximos, dependendo da densidade da malha. Ao colocar esta verdade "óbvia" no espaço de exposição principal do Pavilhão Italiano, Saraceno realiza precisamente a tarefa da filosofia segundo Sloterdijk, ou seja, de *explicar* as condições materiais e artificiais da existência. A tarefa não é derrubar, mas tornar explícito. Como Deleuze e Guattari mostraram, um *conceito* é sempre intimamente relacionado a um *percepto*⁶. Ao modificar nosso percepto, *Galáxias formando-se ao longo dos fios* permite aqueles que tentam redescrever a expressão vaga da globalização, a explorar novos conceitos. Ao invés de ter de escolher entre as redes e esferas, podemos ter o melhor dos dois mundos. Existe o princípio de conexão – um tipo de movimento negligenciado pelos conceitos de redes e esferas – que é capaz de gerar, nas mãos de um artista inteligente, redes e esferas; uma certa topologia de alguns dos nós que podem incluir os dois tipos de conectores em uma rede sem emendas.

⁶ **DELEUZE**, Gilles e **GUATTARI**, Félix. O que é filosofia? São Paulo: Editora 34.

Ainda mais interessante é a teoria dos envolventes - o conceito implícito nesse percepto. Nesta proposição, paredes ou quase paredes são amparadas por ligações tanto externas quanto laterais. Mais uma vez, todos nós sabemos, ou deveríamos saber, que as identidades - as paredes - são possíveis apenas através do duplo movimento de conectar âncoras distantes e alinhar os nós locais. Se você acredita que há bolhas e esferas independentes que podem sustentar-se, você está claramente esquecendo toda a tecnologia dos envolventes. Mas uma coisa é dizer isso, por exemplo na filosofia política - que nenhuma identidade pode existir sem se relacionar com o resto do mundo - outra coisa é ser lembrado *visual e experiencialmente* da forma como isso pode ser feito.

De pé no meio da obra de Saraceno, a experiência é inevitável: a própria possibilidade de ter um envolvente ao redor de um habitat local é dado pelo comprimento, número e solidez dos conectores que se irradiam em todas as direções. Eu adoraria ter visto, quando a exposição foi desmontada, a rapidez com que os padrões esféricos foram desfeitos, uma vez que alguns de seus links externos haviam sido retirados. Uma lição poderosa para a ecologia, assim como para a política: a busca "interna" de identidade está diretamente ligada à qualidade da conexão "exterior" - um lembrete útil num momento em que tantos grupos clamam por uma identidade sólida que iria, como se diz, "resistir a globalização". Como se ser local e ter uma identidade pudesse ser destacável a partir de alteridade e conexão.

Outra característica marcante do trabalho Saraceno é que uma experiência visual não está situada em qualquer domínio ontológico fixo, nem em qualquer escala dada: você pode tomá-la, como faço, como um modelo para a teoria social, mas você poderia muito bem vê-la como uma interpretação biológica dos fios que seguram as paredes e os componentes de uma célula, ou mais literalmente, como a teia de alguma aranha monstruosamente grande, ou mesmo a projeção utópica de cidades galácticas no espaço virtual em 3D. Isto é muito importante se você considerar que todos os tipos de disciplinas estão tentando cruzar atualmente o velho limite que tem, até agora, distinguido o destino comum do crescente número de humanos e não humanos. Nenhuma representação visual dos humanos, como

tal, separados do resto de seus sistemas de apoio, faz sentido hoje. Este foi o principal motivo da noção de esferas para Sloterdijk, bem como para o desenvolvimento da teoria do ator-rede, em ambos os casos, a idéia era, simultaneamente, modificar a escala e o alcance de fenômenos a serem representados, de modo a renovar o que estava tão mal encaixotado na antiga cisão entre natureza/sociedade. Se fossemos obrigados a nos conectar com o clima, as bactérias, os átomos e o DNA, seria ótimo para aprendermos como essas conexões podem ser representadas.

Outra característica marcante do trabalho é que, embora existam muitos ordenamentos locais – incluindo esferas dentro de esferas –, não há nenhuma tentativa de aninhar todas as relações dentro de uma ordem hierárquica. Existem muitas hierarquias locais, mas elas estão vinculadas no que visualmente se parece com uma heterarquia. Ninhos locais, sim; hierarquia global, não. Para mim, esta é uma tentativa potente de moldar a ecologia política hoje – estendendo forças naturais anteriores para resolver o problema político humano de formação de comunidades habitáveis. Muitas vezes, quando os ecologistas – sejam eles cientistas ou ativistas – apelam à natureza, falam como se ela fosse um grande recipiente global *dentro do qual* todas as outras entidades estão dispostas em ordem de importância, desde, digamos, os sistemas climáticos às minhocas e bactérias, enquanto os seres humanos estão situados em um entrelugar. Isto dá uma imagem jovem para a antiga da *scala naturae*, a grande cadeia do ser desde a Renascença.

Mas esta não é a representação explorada por Saraceno, já que não há um container geral em sua obra. (Bem, obviamente, existe um, mas é apenas o quadrilátero físico do grande salão do Pavilhão italiano. Se você falar metaforicamente, e pedir outra metáfora de Sloterdijk, o container deve ser necessariamente o Palácio de Cristal do mercado internacional de arte no qual a criação do artista incrustada). Em sua obra, todo container ou esfera, ou está dentro de outro local, ou "dentro" da rede de conexões externas. Mas esse é o ponto: as redes não tem interior, apenas conectores irradiantes. Eles são todos

bordas. Eles fornecem conexões, mas não estrutura. Ninguém reside em uma rede, mas move-se pelos outros pontos através das bordas.

Pensar nestes termos é encontrar uma maneira de evitar o modernismo – caso no qual, a hierarquia se move dos elementos maiores para menores a partir de um ponto central – mas também para evitar, se ousar dizer, o pós-modernismo – caso no qual, não existem hierarquias locais e nenhum princípio *homogeneous* pelo qual se estabeleçam as conexões (neste caso, os tensores elásticos que fornecem o idioma para a peça inteira). Para mim, essa é a beleza do trabalho de Saraceno: ele dá um sentido de ordem, legibilidade, precisão e elegância aplicada, e ainda não tem uma estrutura hierárquica. É como se houvesse uma vaga possibilidade de reter o sentimento do modernismo de clareza e de ordem, mas libertado de sua antiga conexão com hierarquia e verticalidade.

2. Quem possui o tempo e o espaço

Para explorar as questões artísticas, filosóficas e políticas suscitadas pelo trabalho de Saraceno, pode ser útil voltar-se para outro *locus classicus* – não a discussão esfera contra rede, mas a discussão sobre quem é o dono do espaço no qual vivemos coletivamente. Não há melhor maneira de estruturar esta questão do que o diálogo fracassado (bem, não realmente um “diálogo”, mas este é o ponto) entre Henri Bergson⁷ e Albert Einstein, em Paris, em 1922. Bergson estudou cuidadosamente a teoria da relatividade de Einstein e escreveu um livro denso sobre isso, mas Einstein tinha apenas alguns comentários desdenhosos sobre os argumentos de Bergson. Depois que Bergson falou por meia hora, Einstein fez um conciso comentário de dois minutos, terminando com a seguinte frase condenatória: “Talvez não exista o tempo filosófico, existe apenas um tempo psicológico diferente do o tempo da física”. Enquanto Bergson argumentava que sua noção de espaço e tempo tinha um significado cosmológico que deveria ser cuidadosamente enredado com as notáveis descobertas de Einstein, Einstein, por sua vez, argumentou que existe somente um tempo e espaço – aquele da física – e que Bergson procurava nada mais que o tempo subjetivo – aquele da psicologia.

⁷ **BERGSON**, Henri. *Dur e et simultan it. È propos de la thorie d'Einstein*. Paris: PUF, 2009.

Reconhecemos aqui a forma clássica dos cientistas lidarem com filosofia, política e arte: “o que você diz pode ser agradável e interessante, mas não tem relevância cosmológica porque ela só lida com elementos subjetivos, o mundo vivido, não o mundo real”. O engraçado é que todos – incluindo, de certo modo, Bergson – estavam convencidos de que ele tinha perdido, e que na verdade toda a questão foi mais um episódio da gigantomaquia da realidade objetiva em relação a ilusão subjetiva. Para os cientistas, o cosmos, e para o resto de nós, a fenomenologia da intencionalidade humana. Portanto, a resposta à questão “Em espaço nós vivemos?” é clara, nós vivemos em um mundo subjetivo, sem realidade para física. Einstein: vencedor.

Mas isto foi o início do século XX. Podemos fazer melhor no início da século vinte e um? Em outras palavras, é possível dar a Bergson outra oportunidade para fazer novamente sua questão, mas agora, não, ele não está falando sobre espaço e tempo subjetivos, mas antes, propondo uma alternativa para a cosmologia de Einstein? Para explorar essa possibilidade, decidi contar com o gênero fascinante da reencenação. Como muitos artistas têm mostrado, especialmente Rod Dickinson na apresentação do incrível experimento de Milgram, a reencenação não é um mero fac-símile do original, mas uma segunda versão, ou uma *segunda impressão* da primeira instância, permitindo a exploração da sua originalidade⁸. É por isso que, em uma série de palestras no Centro Pompidou, em junho de 2010, eu convidei, entre muitos outros, o artista Olafur Eliasson e dois estudiosos, uma historiadora da ciência, Canales Jimena, e um filósofo, Elie Durante, para renovar o famoso debate, permitindo deslocar um pouco a conclusão, assim reabrindo a possibilidade que havia sido fechado no século vinte⁹.

Quem possui os conceitos de espaço e tempo? Artistas? Filósofos? Cientistas? Nós vivemos no espaço-tempo einsteiniano sem perceber, ou, como Bergson vaidosamente, argumentaria, se Einstein, o físico, vive no tempo do que Bergson chamou *duração*? Estas questões me pareceram importantes para físicos, historiadores e filósofos, assim como para um artista como Eliasson, que tem

⁸ Ver <http://www.rod dickinson.net/pages/index.php>.

⁹ CANALES, Jimena. *A Tenth of a Second: A History*. Chicago: The University of Chicago Press, 2009

povoado museus e cidades em todo o mundo demonstrando publicamente – através de habilidosas associações entre ciência, tecnologia e ecologia – que existem muitas alternativas para a experiência visual no senso comum. A forma da arte – ou fórum – que eu escolhi, consistia em pedir a cada um dos três para unirem suas forças na apresentação de filmes e fotografias para definir o cenário daquele famoso debate, com o Eliasson aludindo o debate através de seu próprio trabalho¹⁰.

Pode parecer bobagem pedir para um artista julgar um debate entre um filósofo e um físico - especialmente um debate cuja ordem de grandeza tinha sido historicamente resolvida de uma vez por todas: o físico fala do mundo real, e o filósofo "não entende de física"; o artista é irrelevante aqui. Mas esse foi precisamente o ponto compartilhado pela heterarquia proposta por Saraceno: que é agora possível complicar a hierarquia de vozes e fazer a conversa entre disciplinas avançar de forma mais representativa no século vinte e um do que no século XX. Nenhuma disciplina é o árbitro final de quaisquer outras.

Isso é exatamente o que Elie During fez em um brilhante trabalho de ficção filosófica no qual reescreveu inteiramente o diálogo de 1922 como se Einstein tivesse realmente dado atenção ao que Bergson havia dito a ele. No final, Zweistein – isto é, o Einstein de 2010 – não foi, é claro, convencido (que teria sido uma falsificação, e não mais uma ficção), mas ele teve que admitir que pode haver mais filosofia em sua física do que ele havia afirmado em 1922. Onde Einstein havia ganhado, Zweistein teve que se contentar com um empate¹¹. Então, agora nós temos uma situação mais equilibrada: o tempo e espaço em que vivemos - experimentalmente, fenomenologicamente - pode não ser um mero erro de nossa subjetividade, mas poderia ter alguma relevância para o que o mundo realmente é. Em vez de aceitar a divisão entre física e filosofia, esta encenação foi um meio de responder a famosa pergunta de Alfred North Whitehead: "Quando o vermelho é

¹⁰ Esta reencenação foi proposta em Fevereiro de 2011 February 2011 no *Institut für Raumexperimente* de Olafur Eliasson em Berlim e ainda está em andamento.

¹¹ **DURING**, Elie. Bergson et Einstein: la querelle du temps. Paris: Presses Universitaires de France, 2011.

encontrado na natureza, o que mais também é encontrado lá?"¹². Da mesma forma, é possível imaginar um mundo no qual o conhecimento científico seja capaz de se acrescentar ao mundo, em vez de descartar a experiência de estar no mundo?

3. Composição?

É possível pensar que uma reencenação, não importa o quão intrigante em si mesma, não tem muito a ver com política. A questão foi feita muitas vezes pelo público, especialmente quando, durante as palestras principais que havia organizado para lançar um novo programa de mestrado em arte e política, convidei Donna Haraway e Isabelle Stengers para apresentar a sua visão da arte¹³. Para o desespero total de muitos cidadãos franceses politicamente corretos, Haraway falou principalmente sobre como aprender com seu cachorro a comportar-se de novo politicamente¹⁴. "A partir de seu cão! O que isso tem a ver com política? Conte-nos mais sobre dominação, desigualdades, lutas pelo poder, eleições e revoluções". E ainda mais, com Isabelle Stengers que calmamente, mas com intensidade explicou, o novo vocabulário da política - o que, por esta razão, ela chama de "cosmopolítica" - vem precisamente de uma nova atenção para as outras espécies e outros tipos de agenciamentos¹⁵. Aqui mais uma vez, arte, filosofia, ecologia, ativismo e política trocam seus repertórios, para redefinir os atores, os objetivos, os fóruns e as emoções do envolvimento político. Eu venho usando a palavra "composição" para reagrupar em um mesmo termo as bolhas, esferas, redes, e fragmentos vindos da arte e da ciência¹⁶. Este conceito desempenha o mesmo papel que a percepção dos tensores elásticos de Saraceno. Permite-nos passar de esferas para redes com um vocabulário suficientemente comum, mas sem uma hierarquia estabelecida. Esta é a minha solução para a divisão moderno/pós-moderna. Composição pode tornar-se uma alternativa plausível à

¹² **WHITEHEAD**, Alfred North. *Concept of Nature*. Cambridge: Cambridge University Press, 1920.

¹³ Ver <http://speap.sciences-po.fr/fr.php?item.1> e <http://www.centrepompidou.fr/videos/2010/20100630-latour/index.html>.

¹⁴ Ver **HARAWAY**, Donna. *When Species Meet*. Minneapolis: Minnesota University Press, 2007

¹⁵ **STENGERS**, Isabelle. *Cosmopolitics I*. Minneapolis: Minnesota University Press, 2010.

¹⁶ **LATOURE**, Bruno. *Steps Toward the Writing of a Compositionist Manifesto*. *New Literary History*. 41 (2010): 471–490.

modernização. O que não pode mais ser modernizado, o que já foi posmodernizado em fragmentos e peças, ainda pode ser composto.